TL 1347

FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE

(REVOLUTIONARY FRONT FOR AN INDEPENDENT EAST TIMOR)

FRETILIN

COMUNICADO DA JUVENTUDE DA FRETILIN
SOBRE O ENCONTRO DE RECONCILIAÇÃO

1. Saudamos este plano que, mantendo firme e inalterada a defesa do direito a **AUTO-DETERMINAÇÃO** e do seu exercício pelo Povo Timorense, ousa debruçar-se sobre a realidade actual e aponta caminhos para influenciá-la.

2. Manifestamos não só o nosso apoio mas a nossa inteira disponibilidade e grande vontade de participar na sua implementação.

3. Apelamos a todos os compatriotas timorenses para terem a coragem de reconhecer, embora seja dolorosa esta constatação, que a crescente **INDONESIANIZAÇÃO** e alteração do quadro demográfico da nossa sociedade são ameaças reais à sobrevivência física e cultural do nosso Povo.

4. Apelamos particularmente aos jovens, para que não continuem a fingir ignorar que jovens como nós, em Timor, com idade até aos 25 anos já só frequentaram escolas indonésias.

5. Alertamos para o facto de o número de transmigrados indonésios em Timor aumentar todos os dias e para o crescente número de filhos de famílias indonésias - **TIMORENSES POR JUS SOLI** - que entram gradualmente no pleno uso dos seus direitos de cidadãos, nomeadamente o direito de voto.

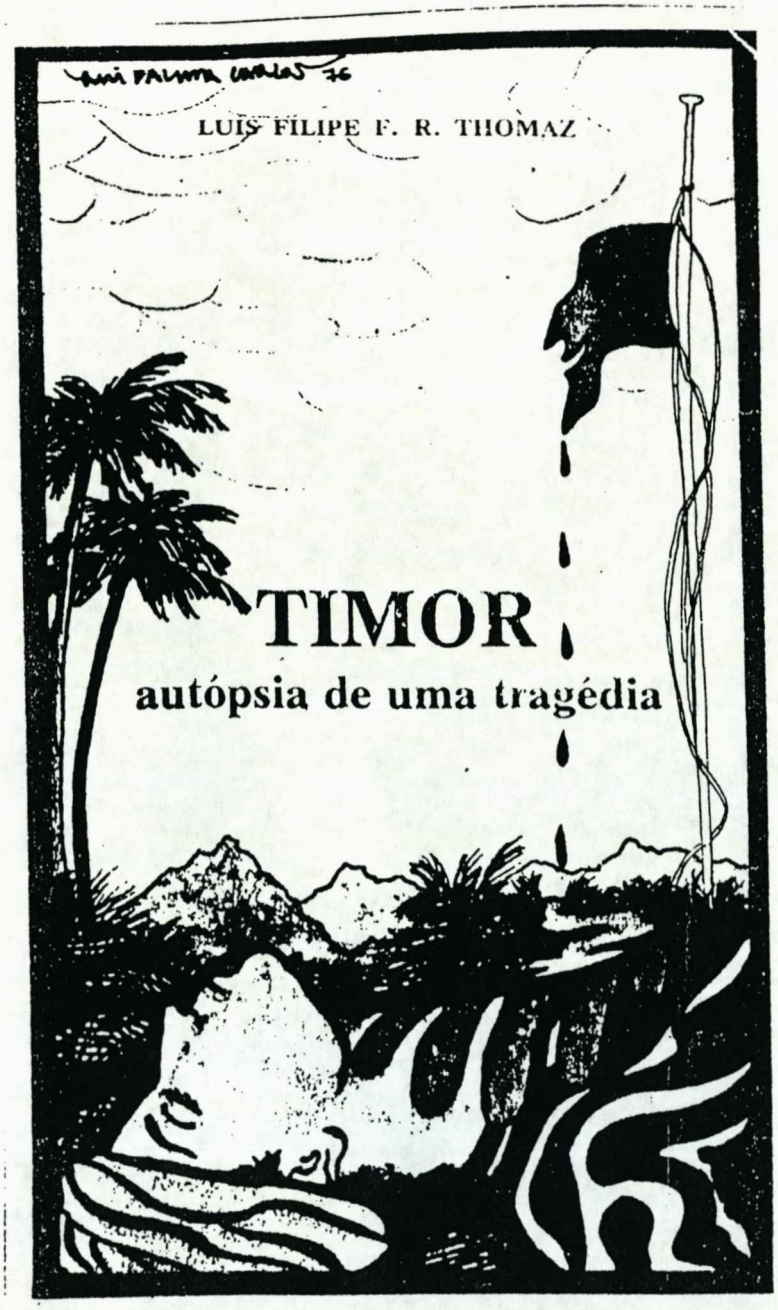
6. Rejeitamos a atitude daqueles que se recusam a olhar a situação actual, preferindo fantasiá-la com os contornos de há 18, 15 ou 10 anos atrás. Rejeitamos particularmente a persistência de posições **DOGMÁTICAS, RADICAIS,** de uma **INSENSIBILIDADE ATROZ** que tantos males já causaram ao nosso martirizado Povo.

   No seu livro "TIMOR AUTÓPSIA DE UMA TRAGÉDIA", o Prof. Luís Filipe F. R. Thomaz cita, na página 84 a tristemente célebre e **MACABRA** frase da autoria do dirigente Mari Bin Achmud Al-Katiri: **"SE MORREREM DUZENTOS MIL TIMORES, FICAM AINDA QUATROCENTOS MIL".**

   Hoje, o número de mortos já ultrapassa os duzentos mil e, nesta fatídica lista, constam muitos dos nossos irmãos, pais, familiares e amigos. Mas o nosso dirigente parece não estar ainda saciado. Sabemos que "por acaso" nenhum membro da sua família consta desta lista.

   Mas, por favor, nós queremos chorar os nossos mortos em silêncio. Nós queremos esquecer. Não nos obriga a relembrar tanta **INSENSIBILIDADE** e falta de **HUMANISMO.**

7. Nós jovens timorenses, amantes da PAZ, da LIBERDADE e da VIDA, achamos que é chegado o tempo do **DIALOGO**, do **ENTENDIMENTO**, da **RECONCILIAÇÃO** entre os irmãos timorenses. Nós queremos dar as mãos para salvar o nosso **POVO** e a nossa **NAÇÃO.**



TILIN apodera-se dele e não o deixa regressar; o oficial português que servia de mensageiro fica detido. Passa-se uma semana sem atar nem desatar. De súbito, sem que se perceba bem como nem porquê, aparece investido no comando da CCS do QG o aspirante Lobato, irmão do vice-presidente da FRETILIN. A CCS revolta-se, e atrás dela outras unidades de Díli. Começa a luta. O governo lembra-se de repente que uma guerra entre a UDT e a FRETILIN pode ser o pretexto para a Indonésia intervir. Propõe um entendimento. A UDT aceita. A FRETILIN também. Mas chega da montanha Mari Al-Katiri, um árabe líder da FRETILIN e exige que os seus lutem até à morte. "Se morrerem 200 000 timores, ficam ainda 400 000". E tudo volta ao princípio. Cada partido ocupa metade da cidade; entre as duas o governo, árbitro sem apito, talha uma zona neutra. Diputa-se o terreno palmo a palmo; luta-se quase corpo a corpo. Usam-se armas que se não sabem usar: o resultado é a morte e a destruição às cegas. Vem à superfície a barbárie dos antigos tempos: casas incendiadas, gente morta à catanada ou queimada viva, crianças esquartejadas, chacinas, mutilições, vinganças. Numa semana fazem-se 2000 mortos, segundo as estimativas mais optimistas. Apenas os pára-quedistas conservam a calma e procuram restabelecer a ordem; mas as suas possibilidades de actuação eram, no meio do caos que se gerou, muito limitadas.

Durante a guerra de 1939-45, quando os japoneses ocuparam Timor durante três anos e de Díli, bombardeada, não restaram em pé mais de três casas, o governador Ferreira de Carvalho jamais abandonou o seu posto. Mas os tempos são agora outros: as autoridades portuguesas – à excepção do Bispo, que se recusa a sair da cidade – fogem para a ilha de Ataúro. A tropa foge para a Austrália. No cais, para fugirem mais depressa, os soldados empurram mulheres e crianças. Haverá o direito de os acusar? Creio que não. Que espécie de motivação podiam ter para agir de outra manei-